



## **CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA PROFESSORA: DA INFANCIA A CHEGADA NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA**

Carmen Tereza Velanga<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Trata-se de uma autobiografia profissional que compõe o Memorial Descritivo da autora com vistas à progressão para a Classe E, nos termos da Portaria nº 982 do MEC, e Lei nº 12.772/2012, exigência para os docentes funcionários públicos federais que almejam chegar a classe de Professor Titular. O objetivo é descrever analiticamente esse percurso, trazendo reflexões para a profissão docente e a prática pedagógica, a partir da experiência de vida da pedagoga e professora pesquisadora. O método da narrativa analítica compõe a pesquisa autobiográfica. A narrativa da trajetória de vida sinaliza a formação profissional, mas antes, compõe o tecido que daria escopo a esta trajetória, desde a infância, vislumbrando aspectos da vocação, a formação escolar e a formação universitária que daria origem ao início da profissionalização, as primeiras experiências como docente e gestora da educação a partir do deslocamento da autora, do centro sul para a região norte brasileira, na fronteira com a Bolívia, na cidade de Guajará-Mirim. Um recorte de duas décadas, de 1980 até os anos 1990, onde seria construído o campus da Universidade Federal de Rondônia, nesta fronteira.

**Palavras-Chave:** Memorial Descritivo. Trajetória Profissional. Educação.

### **ABSTRACT**

This is a professional autobiography that makes up the author's Descriptive Memorial with a view to progressing to Class E, under the terms of MEC Ordinance No. 982, and Law No. 12,772 / 2012, a requirement for federal civil servants who wish to arrive. the Full Professor class. The objective is to describe analytically this path, bringing reflections to the teaching profession and the pedagogical practice, from the life experience of the pedagogue and researcher teacher. The analytical narrative method composes autobiographical research. The narrative of life's trajectory signals professional formation, but rather, it composes the fabric that would give scope to this trajectory, since childhood, glimpsing aspects of vocation, schooling and university education that would give rise to the beginning of professionalization, the first experiences as a teacher and manager of education from the author's displacement from the south center to the northern region of Brazil, on the border with Bolivia, in the city of Guajará-Mirim. A cut from two decades, from 1980 to the 1990s, where would be built the campus of the Federal University of Rondônia, on this border.

**Keywords:** Descriptive Memorial. Professional career. Education.

### **RESUMEN**

Esta es una autobiografía profesional que constituye el Memorial Descriptivo del autor con el fin de avanzar a la Clase E, bajo los términos de la Ordenanza MEC No. 982 y la Ley No.

<sup>1</sup> Professora titular da Universidade Federal de Rondônia. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. E-mail: carmenvelanga@gmail.com



12,772 / 2012, un requisito para los funcionarios federales que deseen llegar la clase de profesor completo. El objetivo es describir analíticamente este camino, trayendo reflexiones a la profesión docente y la práctica pedagógica, a partir de la experiencia de vida del pedagogo y el profesor investigador. El método narrativo analítico compone la investigación autobiográfica. La narrativa de la trayectoria de la vida señala la formación profesional, sino que compone el tejido que daría alcance a esta trayectoria, desde la infancia, vislumbrando aspectos de vocación, escolaridad y educación universitaria que darían lugar al comienzo de la profesionalización, la primera experiencias como docente y gerente de educación del desplazamiento del autor del centro sur a la región norte de Brasil, en la frontera con Bolivia, en la ciudad de Guajará-Mirim. Un corte de dos décadas, de 1980 a 1990, donde se construiría el campus de la Universidad Federal de Rondônia, en esta frontera.

**Palabras clave:** Memorial descriptivo. Carrera profesional. Educación.

## 1 INTRODUÇÃO

O que vem a ser um memorial descritivo? Algo precisa dar o início à escrita de um documento necessário a esta etapa de vida profissional, assim, fomos buscar um conceito e, para surpresa nossa, o memorial descritivo é um conceito largamente utilizado na administração e na arquitetura. Vejamos, temos talvez algo em comum: trata-se de especificar um projeto em detalhes, a fim de informar como, em que condições, finalidade, para quem, o projeto foi ou será construído, etc. Basicamente, trata-se de apresentar em detalhes o projeto de uma obra já realizada ou a ser realizada. Minha vida acadêmica! Tudo que foi construído, como, os objetivos traçados e alcançados, para quem, em quais condições, está dado o início a este esforço reflexivo.

Assim, buscamos a seguir o conceito em nossa área acadêmica:

O objetivo desse documento é fazer um breve resumo de toda a vida acadêmico da pessoa. A ideia principal da elaboração de um memorial acadêmico é semelhante à de um currículo, porém com maior detalhamento sobre a vida acadêmica, científica e até cultural. A própria palavra memorial relativiza com memórias. Recomenda-se que o memorial inclua em sua estrutura seções que destaquem as informações mais significativas, como a formação, as atividades técnico-científicas e artístico-culturais, as atividades docentes, as atividades de administração, a produção científica, entre outras (VIEIRA, 2017, p.291).

Os memoriais têm longa tradição acadêmica no Brasil, constituem-se em documentos que expõem trajetórias de professores universitários para fins de concursos ou de progressões ao longo das suas carreiras. Este tipo de gênero de documento pela tradição deve ser escrito na primeira pessoa do singular e, para nós, acadêmicos, gera certo descompasso diante de nossa produção, sempre



impessoal, relatando e ou comprovando dados, buscando a imparcialidade que a ciência nos requer. Algumas outras dificuldades se somam a esse gênero de escrita, como a própria dinâmica do educador: o gênero autobiográfico na maioria das vezes se torna um instrumento de pesquisa para descrever a realidade de outrem, o entrevistado, o pesquisado, o sujeito da pesquisa, mas improvavelmente, a nós mesmos. Buscamos conhecer mais um pouco sobre este gênero que nos impõe este momento:

A **autobiografia** é um tipo de gênero literário que constitui uma narrativa de caráter pessoal e o seu traço mais significativo é a inserção do próprio escritor como personagem principal. Escrever uma autobiografia implica num pacto literário e não histórico ou documental, porque ora a narrativa apresenta um resgate memorialístico (baseado na realidade) ora constrói a trama com os fios da ficção. Por isso, as autobiografias podem assumir diversos formatos como diários, memórias, poemas, músicas, roteiros, cartas, entre outros. O caráter biográfico da obra não acontece na sua formatação, mas em seus elementos linguísticos. Normalmente a narração é feita na primeira pessoa do singular e aborda questões íntimas e pessoais. O narrador comumente se coloca no tempo presente e, ao olhar para trás, o seu passado nada mais é do que uma tessitura de reminiscências que não são completamente capturáveis, são moventes, isto é, mesmo que escritor queira apreender a realidade como ela foi, no momento da escritura isso já não é mais possível, afinal as experiências vividas são inapreensíveis. É nessa fenda do inapreensível que o ficcional se estabelece. (SILVA, 2019, p.1)<sup>2</sup>

O objetivo deste memorial não é outro senão o de narrar a minha trajetória como docente no topo de minha carreira universitária para fins de progressão para Professor Titular da Universidade Federal de Rondônia.

Com a limitação inerente a produção de um artigo, optei por descrever sinteticamente os primeiros passos da criança que um dia sonhou ser professora, como se conduziu até que a primeira formação profissional acadêmica estivesse concluída, e a decisão de ir para o outro lado do mapa de seu país buscar a docência. Procurarei nestes espaços da escrita, refletir sobre a minha trajetória diante das tendências pedagógicas da prática docente, e, naturalmente, a partir de minhas próprias produções acadêmicas, dos autores que me constituíram a educadora que hoje eu sou, numa tentativa de compreender essa trajetória diante da historicidade construída, das condições objetivas que tinha naqueles momentos e que, hoje, à luz da reflexão e da leitura analítica, eu posso descrever.

<sup>2</sup>Disponível em: <[www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/](http://www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/)>



O artigo compõe-se de uma Introdução, com os *objetivos* diante da elaboração do memorial descritivo, uma breve *fundamentação legal* acerca da progressão para Professor Titular n UNIR, seguida por seções que descrevem a minha família, o percurso de estudante e que levou à minha formação acadêmica, as lições desta trajetória e o início da profissão docente na cidade fronteiriça a Bolívia, Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia. Finalizo com considerações sobre o objetivo que tracei neste memorial e a perspectiva de dar continuidade à narrativa em outro artigo, devido às limitações de espaço da publicação em revista.

## **2. BREVE FUNDAMENTAÇÃO LEGAL**

A elaboração de um Memorial com vistas à progressão para a Classe E, nos termos da Portaria N° 982 do MEC, e Lei no 12.772/2012, dar-se-á observando os critérios de I - possuir o título de doutor; II - ser aprovado em processo de avaliação de desempenho; e III - lograr aprovação de memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de tese acadêmica inédita.

A possibilidade de ascensão para a classe de Professor Titular a todos os professores que alcancem o nível de Professor Associado 4, é resultado da mobilização docente e conseqüente negociação com o Estado, superando o sistema anterior de distribuição de vagas para esse estágio da carreira.

Especificamente, reportamo-nos a Resolução 117/CONSAD, de 24 de dezembro de 2013, que estabelece as diretrizes específicas para o processo de avaliação de desempenho para fins de promoção à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e classe de Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico dos servidores docentes pertencentes ao Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal da Universidade Federal de Rondônia, de que trata o Capítulo III da Lei no 12.772, de 28 de dezembro de 2012, Lei 12.863/13 e as Portaria 554/2013/MEC e 982/MEC/2013.

## **3. A AVENTURA DE VIVER E SONHAR SER PROFESSORA**



Nasci no dia 02 de março de 1961, na cidade de Marília, Estado de São Paulo, filha de Ginez Velanga, lavrador e Angelina Primo Velanga, dona de casa. Meus pais tinham uma vida modesta, tiveram quatro filhos, sendo eu, a caçula.

Meus pais: Gino e Nina, em Marília, 2006.



Foto: Mario Venere

Meu pai era descendente de espanhóis, minha mãe, de italianos. Lembro-me bem do gênio de cada um: ele, teimoso, brigão, destemido, muito inteligente, embora com pouca escolaridade. Chegou a ser o melhor marceneiro de moveis projetados por ele, em toda região. Desenhava, fazia cálculos matemáticos, projetava e montava no barracão de marcenaria que ate hoje existe nos fundos de nossa casa. Dele herdei um pouco do gênio (meu tio dizia que eu era A Pimentinha), bem como a rapidez de raciocínio, mas, sobretudo a ética e o sentimento de justiça. Ele chegou a ter vários empregados, mas jamais deixou de lhes garantir seus direitos trabalhistas, mesmo com muita dificuldade. De mamãe, a mais bela das mulheres que eu conheceria, com seus olhos azuis claros, pele alva, creio que herdei a estatura, o tipo de corpo, um tanto de resignação e fé e muito de sua dignidade. Depois que fui mãe, creio que copiei muitos de seus exemplos. Dos dois recebi o estímulo para estudar, mas às vezes, quando eu exagerava nas horas que passava lendo, eles iam me buscar onde eu estivesse para comer, ajudar nas tarefas de casa, ou fazer outra coisa, e me encontrava escondida debaixo da mesa ou da cama, eu não queria outro mundo, que não, os livros. Eu e meus irmãos



herdamos de nosso pai a sagacidade e a alegria, especialmente o bom humor contagiante, ele fazia piada de tudo, da política aos fatos do cotidiano.

Depois de formada, casei-me com Dorosnil Alves Moreira, aos 22 anos de idade, na Igreja Santo Antonio, em Marília, onde meus pais haviam se casado, e, então, viemos para Rondônia, em busca de uma aventura muito singular: desbravar o Norte e abraçar a docência. Devo lembrar, para a verdade dos fatos, que meus pais não queriam aquele casamento, e ele, o pretendente, teve que sair correndo na frente de uma vassoura que queria alcançá-lo a todo custo...aprendi a duras penas, depois de vinte anos, que os pais têm um certo sexto sentido que há de ser considerado...

Tivemos três filhos: Thiago Ginez (1983), Miucha (1985) e Melissa (1989), cada um com suas singularidades, personalidades, lindos, saudáveis, inteligentes, estudiosos e uma infinidade de adjetivos que certamente não são invenções de mãe. Cada um teve um destino, assim como tudo há de ter: Thiago foi aluno da UNIR, tornou-se professor do departamento de Matemática, cursou Mestrado na UFPB e Doutorado na UNICAMP. Casado com Mariana, não tem filhos, e eu me pergunto como um Matemático teórico pode ter nascido de mim, que não sei nem fazer equação simples.

Melissa é a minha caçula, buscou o caminho das Letras, e cursou Graduação e depois, Mestrado em Letras na UNIR. Não se casou ainda, é professora de Língua Portuguesa, artista, poeta, mística, a mais solidária das meninas e desconfio que veio de outro planeta, ela é quem mais se parece comigo!

Miucha foi uma jóia rara em nossas vidas, aos 24 anos já era advogada, Oficial de Justiça concursada, almejava a Promotoria, uniu-se a Marcelo, engravidou, teve uma linda e saudável criança, mas, inexplicavelmente, após dez dias, sem ter mesmo a oportunidade de conhecer a filha, foi chamada por Deus, retornou ao Lar Espiritual, sem que eu saiba até hoje como lidar com isso. De todas as ciências, a mais inexata e surpreendente, e a própria Vida. O sonho profissional de Miucha seria concretizado após dois anos de sua partida, pois havia passado no concurso para promotora de justiça no Estado do Acre, e seria então chamada. Não houve tempo para isso, os mistérios da Vida nos rondam sempre. Sua filha, minha netinha Anna Letícia, cujo significado é *Graça e Alegria*, mora com a sua família em



Guajará-Mirim, tem 9 anos, e herdou de sua mãe a inteligência, o amor pelos estudos, o corao bondoso, a generosidade, e a beleza impar da miscigenao.

A família de origem representa nosso maior desafio material e espiritual, mas as aprendizagens que haveremos de ter com ela nos dará a chance de nos tornar pessoas melhores pelo princípio de que somos todos Iguais, mas somos todos Diferentes, com nossas peculiaridades, singularidades, riquezas pessoais, somos indivíduos, mas ao mesmo tempo, Somos Todos Um.

Thiago, Miucha, Melissa & Mamãe



Foto: Carol

Muito cedo descobri prazer na leitura, aos seis anos estava alfabetizada sem ter passado pelo Jardim de Infância, sonho de toda criança. Eu era muito franzina, magrinha, mas muito esperta, inteligente e esforçada! No recreio mamãe levava-me leite com chocolate quente e pão com manteiga, todos os dias, e me entregava pelas grades do parquinho, onde as crianças brincavam. ramos pobres, mamãe trabalhava como costureira e papai, viajante de caminhão, assim, não podia participar de todas as festas da escola, mesmo sendo publica. No entanto, eu sempre estaria entre as primeiras da classe em toda a escola primaria especialmente nos concursos de redao e desenho. A escola publica onde eu estudava destacava-se pela organizao, disciplina e equipe de professores e orientadores, o que me deu uma base consistente para seguir adiante com amor aos estudos. No entanto, desde pequena eu fui movida pelos estudos, pela curiosidade em aprender, mas especialmente por aprender fazendo.



A comunidade japonesa em Marília era muito forte nos anos 1960 e 1970. A imigração japonesa no Brasil já completou mais de 100 anos no Brasil. Na região de Marília a imigração sempre se fez presente com um forte processo de integração cultural e social. Tecnologia, costumes alimentares, esportes, filmes e desenhos são traços culturais dos japoneses que aproximavam os imigrantes e seus descendentes aos hábitos de brasileiros.

Em Marília havia um Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, e, como toda associação de japoneses, possuía um *kaikan* (sede da associação), e uma escola modelo de idiomas, com exclusividade para o japonês, era uma escola de japoneses para japoneses e seus descendentes, não havia brasileiro nenhum matriculado, porém eu consegui a minha chance aos 12 anos. Os ideogramas japoneses são muito complexos para aprender, por isso a arte de desenhar era o incentivo necessário para o aprendizado da escrita, assim, aprendi a desenhar pelo método de contemplação que a professora empregava. Ali estudei por dois anos, minha família não pode continuar pagando a escola, mas as lições que ali aprendi eu as levaria por toda a vida: a disciplina para aprender, a observação atenta, a responsabilidade no dia a dia, o companheirismo, viriam não somente daquelas aulas, mas das atividades que circundavam a cultura japonesa, seus costumes, tradições, comida, a vestimenta, a música e a dança. Aprendi também um clichê muito interessante, que guardo na memória: “enquanto você dorme, tem um japonês estudando”. O clichê é herança da importância que o Japão dá para a educação desde o século XII. O ideograma com meu nome jamais seria esquecido. Escreve-se da direita para a esquerda e de cima para baixo.

## カルメン

CARMEN

www.jacaitaba.com/homes/japones

Hoje refletindo sobre este meu primeiro contato com outra cultura, associo-o a nascente do meu interesse por estudar a diversidade cultural e sua influência no Currículo escolar. As brincadeiras com aquelas crianças e outras da vizinhança, não da costumeira casinha, mas de escolinha, desde os mais tenros anos na infância, foram a nascente do sonho de vir a ser professora.



Estudei todo o Ginásio no Instituto de Educação Monsenhor Bicudo de Marília, uma das grandes escolas situada numa área nobre da cidade, muito concorrida, mas que passava por mudanças estruturais e curriculares no início dos anos 70. As séries iniciais foram recheadas de surpresas, com cada novo professor que adentrava na sala, regras de disciplina para tudo, e muito conteúdo a memorizar, mas a Matemática era meu desafio, os professores não facilitavam o aprendizado, tínhamos que decorar, ou colar! Eu sofria muito com a falta de aprendizagem, não queria apenas sobreviver, mas aprender. Ao mesmo tempo entrava nos currículos oficiais a dualidade no ensino médio. Eu poderia escolher entre o Científico, ou Técnico Profissionalizante.

O Curso de Magistério passou a ser oferecido apenas na rede particular. Meus pais passaram a pagar o último ano do ensino médio no Colégio Cristo Rei de Marília, da rede particular de ensino, mantido por padres católicos. Eu amava aquele ambiente, mas já sabia que devia voltar à educação pública, pois meus pais não poderiam pagar uma faculdade particular para mim. Começaria outra etapa de minha vida estudantil, a acadêmica. Concluí o Magistério com louvor, fui recomendada para dar aulas no sistema de ensino, eu ampliava meu horizonte acerca da docência, mas o Magistério que fazia e a Pedagogia na Universidade pareciam fazer parte de mundos diferentes.

#### 4. A ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

Passei em Pedagogia na UNESP de Marília e me sentia muito feliz! Queria negar a tese da época, de que a Pedagogia era um curso para *mulherzinhas*, e que o magistério era um curso *espera marido*, historicamente marcada como uma profissão pouco atraente economicamente e uma profissão feminina, associada às filhas dos fazendeiros que ensinavam as crianças da região enquanto não se casavam. No entanto, a história deveria registrar também a força da vocação, pois eu sempre a senti muito latente, desde menina, pois me realizava em aprender e a ensinar.

No curso de Pedagogia inteiro, tivemos a influência da tendência *crítico-social*, que se consolidaria após a queda da ditadura, nos anos 80, além da forte tendência a época, o *escolanovismo* presente desde o final dos anos 60, e o *sócio*



*contrutivismo* que ganhava espaço nas faculdades de educação, cada uma à sua maneira ajudavam a construir nossa identidade de futuros pedagogos brasileiros. Construíamos materiais pedagógicos inspirados em Piaget, Freinet, Maria Montessori, Lauro de Oliveira Lima.

Professores renomados deram-me aulas magistrais das quais nunca me esquecerei, eu experienciava um novo conceito, a amorosidade freiriana, sem perder a rigorosidade científica, marca indelével em minha formação que eu levaria para a vida.

É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica (FREIRE, 1996, p. 11).

Segui para a especialização em Educação Especial, também outro pioneirismo da UNESP de Marília, onde se defendia o atendimento do aluno com necessidades especiais na escola regular e classes comuns, em convivência com os demais, devendo a escola adaptar-se às suas necessidades, contraria à idéia antiga de segregação, que ainda ocorria de forma velada na sociedade brasileira, e da integração, a corrente da educação especial da época, que defendia a idéia de que o sujeito deveria se adaptar à escola e à sociedade.

Com outros estudantes, eu militava no Diretório Acadêmico, embora não de uma forma ostensiva como muitos jovens que foram afastados por longo tempo das aulas, supúnhamos, presos. No Diretório Acadêmico éramos visitados por policiais federais ou estaduais a paisana, atrás de informações. Eles tinham uma lista de *personas non gratas* de todos os órgãos públicos, especialmente as universidades. Professores e diretores do *campus* eram afastados, sem nenhuma explicação, mas não precisava. Nós, os alunos, tínhamos a leitura de mundo da qual falava Paulo Freire.

A ditadura militar no Brasil abrangeu o período entre 1964-1979, estendendo-se até o início da década de 1980, mas naquele período a repressão atingiu fortemente os movimentos populares de combate à ditadura, aos partidos e organizações de esquerda da época, bem como atingiu os ideais revolucionários que balizavam esses movimentos, como o movimento popular Movimento Estudantil



(ME) cuja atuação foi memorável no combate ao regime militar, com papel de destaque das entidades estudantis, União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

Na verdade para mim, os estudos estavam em primeiro lugar. Infelizmente a maioria de nossos colegas da época nunca se formou. Porém a semente dos estudos em Paulo Freire que fazíamos ficaram como uma bandeira de luta da educadora que se formaria com outras seis alunas, o que restou de uma turma grande.

O contato com a obra de Paulo Freire (1921-1997), quando ele voltava ao Brasil depois de 15 anos de exílio, no início dos anos 80 se deu no Curso de Pedagogia, no gramado do *campus* onde os estudantes trocavam livros proibidos pela ditadura militar. Li avidamente a Pedagogia do Oprimido e Educação como Prática de Liberdade. Nesta obra, que surgiu a partir das condições histórico-sociais vividas pelo Brasil e o Chile na década dos 60, e um dos lugares onde realizou sua prática educativa mais relevante, foi redigida após a queda do governo Goulart, nos intervalos das prisões e concluída no exílio, ele propõe algumas linhas mestras da visão pedagógica e de métodos de ensino, por meio de experiências vividas. Durante o exílio, ele se empenhou em fazer de suas ideias de liberdade o verdadeiro sentido de sua prática. "Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio" (FREIRE, 1989, p. 43). Apresentou a pedagogia como "uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política". Defendeu o homem simples excluído da sociedade: "... em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele." (p. 53).

Nada mais atual diante da visão de política que assistimos hoje, quanto às elites, ao perceberem a possibilidade do povo tomar consciência: "Num primeiro momento, reagem espontaneamente. Numa segunda fase, percebem claramente a ameaça contida na tomada de consciência por parte do povo. Arregimentam-se. Atraem para si os "teóricos" de "crises", como, de modo geral, chamam o novo clima cultural." (p. 63). Enfim, entendia, aprendia, interiorizava e vivia o pensamento de Paulo Freire, que afirmava que **a educação deve realizar-se como prática da liberdade, e nesses caminhos é que se estabelecem sujeitos livres, para o que**



a prática da liberdade se concretize numa pedagogia em que o oprimido venha a descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

A obra icônica, por perseguida e proibida no Brasil nos anos de ferro, **Pedagogia do Oprimido (primeira edição em 1970)**, aponta a princípio o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização, como processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica. A Pedagogia do Oprimido implica, pois, em atitude radical e postura ética baseadas no encontro com o povo por meio do diálogo, este um instrumento metodológico para se fazer a leitura crítica da realidade, a partir da cultura do povo, sua linguagem, valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos oprimidos. Ora esta visão era por demais transgressora numa sociedade capturada pelo militarismo por vinte anos, mas iluminava em nós, jovens estudantes, a ideia de que os homens são sujeitos da realidade histórica em que se inserem, e a luta devia ser pela humanização, liberdade, desalienação e pela sua afirmação, enfrentando as classes dominantes que, pela violência, opressão, exploração e injustiça buscam perpetuarem-se. Inaugurava-se assim em nós, estudantes, a educação como ato político, e jamais a Pedagogia seria a mesma.

Estas duas obras e as categorias de análise que delas emergiam iniciaram minha admiração pelo mundo da pedagogia crítica e nunca mais me deixariam, sendo retomadas depois e sempre em toda minha carreira universitária e formação docente.



Paulo Freire retratado em painel no Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP



Formei-me pedagoga em 1983 na UNESP/Marília, no final do período de ditadura militar implantada no país (1964/1985). Apesar do período de restrições políticas, acredito que fiz um curso crítico e reflexivo, que me levou a muitas leituras e argumentações, abrindo-me uma nova perspectiva de homem, mundo e sociedade que seria o suporte para a minha vida de educadora.

Especialista em Educação Especial, UNESP, 1982



Foto: arquivos da autora, 1982

O curso de Pedagogia que fiz era inovador: ao lado dos clássicos da área, líamos e discutíamos a realidade envolvente, e o aporte teórico para tal eram os escritos de Paulo Freire. Essas leituras encantavam-me ao mesmo tempo em que me surpreendiam e me preocupavam. Os movimentos sociais explodiam em São Paulo e chegavam às cidades interioranas. Apesar da timidez com que aportaram à minha cidade, participávamos da luta contra a ditadura através da militância no Diretório Acadêmico da instituição. Não era fácil nem era um movimento homogêneo de resistência; havia, entre os próprios estudantes e professores, aqueles que – inconcebível aos nossos olhos inexperientes – eram francamente favoráveis ao regime político da época. Aprendíamos, ali, na prática estudantil, a Educação como um ato político, proclamada, em primeiro lugar no Brasil, por Paulo Freire, cujo sentido decorre da incompletude humana e pelo fato de homens e mulheres estarem em relação com o mundo e com o Outro.



UNESP, Marília (SP): formação em Pedagogia

Em 1983 tive a minha primeira experiência profissional como professora, assumindo uma vaga de professora eventual, substituta, da Escola Estadual Maria Cecília Ferraz de Freitas, em Marília. Foram meses de convívio, até fechar o ano letivo, com uma turma de alunos ditos irrecuperáveis, repetentes, indisciplinados, professor nenhum os queria. Eu estava no mínimo preparada para enfrentar estigmas, após minha formação em Educação Especial. Enfrentei sem medo e com amorosidade freiriana, também aprendida na teoria-prática, comecei pelo diálogo com cada uma daquelas crianças, e suas famílias. Ali coloquei em prática as observações e as provas piagetianas, sabia os níveis de desenvolvimento mental e psicomotor de cada um, e estudava formas de ajudá-los. Fechamos o período letivo com sucesso, entre sorrisos, agradecimentos e reconhecimento dos pais, a autoestima de todos tinha se elevado. Apesar de ter tido uma primeira experiência docente muito gratificante, tendo sido oficialmente convidada a continuar na escola, meus planos eram outros.

Casei-me no início do ano de 1983, vindo, os dois, para Rondônia, desbravar a Região Norte, da qual eu havia tomado contato pessoal através do projeto Rondon, na cidade de Humaitá, dois anos antes de concluir o Curso, experiência esta, por tão excepcional com educadores locais, suas práticas e o exotismo da região amazônica, viria a ser responsável por não temer desbravar o Norte do país,



Estado de Rondônia, para onde viemos em 1983, para a cidade de Guajará-Mirim, fronteira com a Bolívia.

Recebemos e aceitamos sem pestanejar, o convite de um amigo feito no Projeto Rondon, e que já estava radicado na cidade. O Governo precisava de professores com nível superior, o território do Guaporé ganhava *status* de Estado de Rondônia, estava em franca expansão, e havia muito otimismo dos migrantes que buscavam o Eldorado em busca de terra e ouro. Não para nós, queríamos a docência. Encaramos o desafio do Norte.



Foto: Mario Venere  
Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, hoje desativada.

Iniciamos a saga dos migrantes que sonhavam com uma vida de realizações. Faríamos juntos todo o “caminho das pedras”, as descobertas, lutas e conquistas pessoais e sociais das quais doravante, participaríamos. Assim como muitos, como depois descobriríamos, fomos instigados pela propaganda governamental a fazer parte de um “Novo Estado”, então descrito como o novo “Eldorado Brasileiro”, cujo governo militar facilitava a vida dos migrantes, cedendo-lhes terra e empregos públicos. A BR 364, que ligaria Cuiabá a Porto Velho era ainda um projeto, embora até mesmo constasse nos mapas como uma estrada já concretizada.



Foto: Mario Venere  
BR 364, ligando Cuiabá a Porto Velho, anos 80.

A estrada convidava ao desespero. Com toda a certeza, se pudéssemos voltar depois de dois daqueles dias de viagem, teríamos voltado. Atravessávamos estradas pantaneiras, e tudo o que víamos era a saga de migrantes destemidos ou foragidos de outras plagas, a se esconder nas matas amazônicas. Mas isso só descobriria muito depois.



Foto: Mario Venere  
A caminho de Guajará-Mirim: Ponte sobre o Ribeirão.

A viagem ainda nos reservava algumas surpresas, como o espanto de todos ao saberem que íamos para Guajará-Mirim, divisa com a Bolívia, a 360 Km da capital de Rondônia. A surpresa era devido ao fato de que ninguém “de fora” se atreveria a viver em uma cidade que não se situasse ao longo da BR 364, pois lá estavam os projetos de assentamento e toda a esperança de progresso. Para a divisa, ninguém ia. Falava-se da estagnação da região, circundada por grupos



indígenas, isolada pela ausência de estrada pavimentada que a ligassem às demais cidades do Estado, além do pouco alento de estar na fronteira com um país muito pouco desenvolvido.



Foto: [aperoladomamore.com.br](http://aperoladomamore.com.br)  
Antiga Estação Ferroviária Madeira Mamoré

Foto: Arquivo IMC  
Escola Estadual de 1 e 2 Graus Irma Maria Celeste, Guajará-Mirim





Foto: Mario Venere

Desfile cívico com alunos da Escola Irma Maria Celeste, anos 80, em Guajará-Mirim

Assumi meu cargo de Supervisora Escolar na escola estadual Irma Maria Celeste, a convite da professora Lenir Bouez, então secretaria municipal de Educação, com quem muito aprendi. O trabalho pedagógico exigia-me rapidamente que eu soubesse orientar professores, alguns iniciantes, outros muito experientes, quanto a metodologias de ensino, recursos pedagógicos e planejamento docente. Um grande desafio eu teria pela frente, mas a maioria daqueles professores era de migrantes como eu, eles tinham enorme boa vontade em aprender, não tinham medo de revelar suas incertezas, insegurança diante do novo, esta atitude foi muito valiosa para nosso crescimento, juntos, supervisora e professores. Buscávamos no diálogo resolver nossas dúvidas, ajudar-nos uns aos outros compartilhando problemas e buscando soluções. A Escola Irma Maria Celeste foi um grande aprendizado para a jovem pedagoga e para toda aquela equipe que aceitava os desafios da educação local, um trabalho que nos deixaria, hoje, com um ótimo índice de desenvolvimento escolar, se houvesse essa aferição, naquela época.

## **5. A EXPERIÊNCIA DE LIDERAR UMA GRANDE EQUIPE PEDAGÓGICA**

Eu levaria essa experiência pedagógica bem sucedida para a Secretaria de Educação e Cultura (SEMEC), quando fui convidada a assumir o cargo de Diretora



da Divisão de Ensino. Na Escola Irma Maria Celeste aprendi a lidar com os professores orientando-os na parte pedagógica, era respeitada e ouvida, apesar de minha pouca idade, e fizemos ali amigos que se perpetuariam, muitos deles me acompanharam na formação da equipe que formaríamos na secretaria municipal, e mesmo depois, na Universidade Federal de Rondônia, levaríamos conosco o entusiasmo e a pro-atividade, total dedicação ao trabalho e uma forma tão positiva e dialógica de nos relacionarmos que nos ajudou a compor novos dias para a educação local.



Fotos: Mario Venere  
Equipe Pedagógica da SEMEC, Guajará-Mirim, anos 80



Fonte: DAM. Lenir Bouez e Zeriza Cavalcante, 1999.

Trabalhamos na equipe do Prefeito municipal Engenheiro Isaac Bennesby e da Secretária Municipal de Educação Professora Lenir Bouez por quatro anos, eu era a Diretora da Divisão de Ensino. Na época, o município ainda não havia se

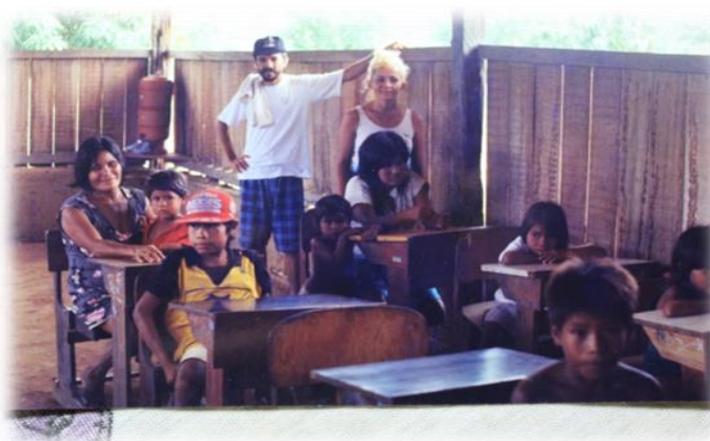


desmembrado de Vila Nova (Hoje, Nova Mamoré), e tínhamos sobre nossa responsabilidade as escolas de toda a área rural de Sidney Girão, além da zona urbana e da ribeirinha, que chegava até o Distrito de Surpresa, no Vale do Guaporé, só acessível por barco, e, algumas escolas e localidades, apenas por botes ou canoas a remo. Mesmo com tantas dificuldades, cumpríamos um calendário de visitas, orientações aos professores, suprimento de merenda, material escolar e as provas de leitura anuais, enviadas diretamente do MEC, e que eu mesma aplicava, com minha equipe. No entanto, mês a mês, os professores rurais vinham receber seus salários, ocasião em que eu os reunia para o planejamento de ensino.



Escolas rurais de Guajará-Mirim (RO), anos 80

Ao chegar às escolas éramos muito bem recebidos por todos da comunidade escolar, as famílias, faziam festa para nos receber, o carinho daquele povo das comunidades mais longínquas e de difícil acesso sempre me comoveu, foi como um presente que eu recebi para que não desistisse de Rondônia, apesar da falta de gás, da malária, dos insetos e do isolamento do resto do mundo.



Escolas ribeirinhas, anos 1980, Guajará-Mirim (RO)



Fotos acima: Mario Venere

Acesso apenas fluvial para o Distrito de Surpresa (Guajará-Mirim, Vale do Guaporé)



Foto: Governo do Estado de Rondônia

Devo destacar a versatilidade daqueles professores da equipe SEMEC. Muitas vezes os recursos eram limitados, mas não nos impediam de criar ou até mesmo, improvisar. As fotos abaixo demonstram uma festa em homenagem as crianças, promovida pela Prefeitura e Secretaria de Educação. Levamos a elas a historia do Sítio do Picapau Amarelo: Eu, como a boneca Emilia, Oswaldo Copertino Duarte, o Visconde de Sabugosa (hoje na UNIR, no *campus* de Vilhena), Mario Roberto Venere, o Palhaço Pipoquinha e Fatima Queiroga (ambos hoje na UNIR, em Porto Velho).



Prefeito Isaac Benneby, a boneca Emilia e Visconde de Sabugosa (Oswaldo Copertino)



Foto: Mario Venere

Em Guajará-Mirim desenvolvi a arte de ser professora. Lecionei e fui gestora em todos os níveis de ensino, desde o Jardim de Infância, a Pré-Escola até a Universidade. Durante quase dez anos trabalhando na SEMED local, criei, executei vários projetos infelizmente não registrados. Tínhamos uma equipe incrível de professores formados no sudeste e nordeste do Brasil. A Associação de Professores que criamos era uma captadora de professores e reivindicadora de vagas do governo estadual, o que, em certo período, melhorou em muito a qualidade de ensino na fronteira. Muitos desses professores continuam trabalhando nas escolas estaduais, muitos se destacaram na administração do Estado em diversas secretarias, alguns trabalham na Universidade Federal, outros voltaram para suas regiões, mas a contribuição que deram em iniciativa, inovação, motivação, criação foi fantástica.

Alguns professores que se tornariam meus amigos ali tiveram as suas primeiras experiências docentes, como eu: Mario Roberto Venere, Fatima Queiroga, Oswaldo Copertino Duarte, Adeilton Martins, Dorosnil Alves Moreira, David Alves Moreira, Valdir de Souza, Ivan Musa (*in memoriam*), Josimar Walter de Souza, Mauro Carneiro (*in memorian*) e Maria Cristina Victorino de França, foram alguns



que tiveram acesso via concurso público à docência universitária e são meus contemporâneos. Inúmeros outros contribuíram, estiveram ou estão em postos importantes na educação do Estado de Rondônia.

## **6. ESCOLINHA ARTE & MANHA: O SONHO DA ESTUDANTE REALIZADO NA FRONTEIRA**

Na Secretaria Municipal de Educação de Guajara-Mirim tive oportunidades únicas de desenvolver minha criatividade na Educação, e, paralelamente, tive também a chance de criar uma escolinha particular, que atendia desde bebês, no berçário, até o quarto ano do Primeiro Grau. Estive à frente na coordenação pedagógica, por vários anos. Ali eu desenvolvi a ideia de um currículo para crianças pequenas, de Jardim e Pré-Escola, o que à época não havia no Estado, baseado no pensamento de Decroly<sup>3</sup>. Eu admirava o médico e educador belga que defendia a ideia de que as crianças apreendem o mundo com base em uma visão do todo, e que, no século 19 para o 20, com outros educadores de vanguarda, contestou o modelo de escola que existia até então, propondo uma nova concepção de ensino. A escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Arte e Manha por mim concebida funcionou por uma década nos anos 80 e 90, no Bairro Caetano, contigua a nossa residência, era ampla e apropriada para as crianças pequenas, carteiras feitas para os pequenos, armários à sua altura, cantinhos multidisciplinares, parquinho com brinquedos muito interessantes, alguns bem criativos e coloridos, brinquedos pedagógicos e livros infantis que comprávamos em São Paulo, um cineminha, berçário para os bebês, algo inusitado na cidade, e até uma casa na árvore, que as crianças adoravam. Projetei um currículo baseado nas ideias de Decroly, assim, eu inspirava-me nas experimentações de uma escola centrada no

<sup>3</sup> Jean-Ovide Decroly foi diretor da Escola "École d'Ermitage" (1907), cujo ensino era direcionado aos meninos considerados de infância irregular, e que se tornou famosa como exemplo da Escola Nova. Ali aplicou ao ensino de crianças normais as conclusões extraídas da educação de excepcionais (...) A educação era centrada no aluno, ou seja, buscava a possibilidade de o aluno conduzir o próprio aprendizado e, assim, aprender a aprender. Alguns de seus pensamentos estão bem vivos nas salas de aula e coincidem com propostas pedagógicas difundidas atualmente. É o caso da ideia de globalização de conhecimentos – que inclui o chamado método global de alfabetização – e dos centros de interesse (...) O princípio de globalização de Decroly se baseia na ideia de que as crianças apreendem o mundo com base em uma visão do todo, que posteriormente pode se organizar em partes, ou seja, que vai do caos à ordem. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=319>>



aluno, e não no professor, e que preparasse as crianças para viver em sociedade, não apenas fornecer-lhes conteúdos destinados a formação profissional futura. Acompanhou-me de perto nesta aventura pedagógica a professora Zuila Guimarães Cova dos Santos, juntas nós dávamos asas a imaginação nos desfiles cívicos, nas festas escolares e no direcionamento pedagógico da nossa querida Escolinha.

Aniversario de Miucha (4 anos) na Escolinha Arte & Manha, com Thiago e amiguinhos



Foto: Arquivos da autora (1989)

Escolinha Arte & Manha, formatura do Pré-Escolar



Foto: Arquivos da autora



A pedagoga recém formada na UNESP, e já ocupando cargos na Secretaria de Educação local, trazia para uma escola idealizada por ela, os métodos ativos, nos quais se acreditava que o aluno seria capaz de conduzir o próprio aprendizado e, assim, aprender a aprender. Inaugurava assim, na minha própria escola, salas de aula vivas, como a ideia de globalização de conhecimentos - que inclui o chamado método global de alfabetização - e dos centros de interesse. Eu mesma cheguei a alfabetizar meus três filhos, e inúmeras outras crianças, juntamente com as professoras que eu mesmo treinava. O resultado de nosso empreendedorismo e desta metodologia ativa foi bastante interessante, pois hoje ainda encontro meus ex alunos do Arte e Manha em Porto Velho e nas demais cidades de Rondônia, a maioria deles prosseguiu estudos, passaram em concursos públicos, outros foram para outros estados e alguns se tornaram médicos, advogados, arquitetos, professores.

Muito gratificante também tem sido as boas lembranças e o carinho desses jovens profissionais pela sua primeira escolinha, seus amigos, as professoras, quando, esporadicamente, nos encontramos. Relembra com alegria os momentos de aprendizagem, dos centros de interesse, dos desfiles cívicos que fazíamos questão de fazer inseridos que estávamos numa cultura militar de fronteira, que motivava as escolas a terem suas bandas de música, conhecer os símbolos da Pátria, cantar o hino nacional, do Estado e criar desfiles temáticos onde as crianças eram as protagonistas. Como vivíamos numa fronteira pacífica e ordeira na época, numa cidade pequena onde todos se conheciam e se respeitavam, passamos a apreciar todas essas coisas, e ano após ano, tínhamos orgulho de vencer alguns concursos nas datas cívicas.

### **E o que vem depois...**

Não somente pela limitação do espaço destinado a publicação, mas também pela riqueza da experiência na docência e porque acredito que haverá outro momento para continuar a narrativa, a trajetória acadêmica posterior na Universidade Federal de Rondônia na fronteira há de ser contada em outro momento, pois participamos ativamente do movimento que seria a origem da sua criação, na cidade de Guajará-Mirim. Merecerá destaque as dificuldades e os êxitos



nesta caminhada rumo à implantação do Ensino Superior nesta cidade, as primeiras turmas e as aprendizagens no caminho. Assim como os programas desenvolvidos no campus da UNIR na capital do Estado, para onde, após minha separação conjugal, eu me encaminhei sozinha com meus filhos.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A docência não se esgota num tempo e num espaço determinado, embora ai se materialize, ela nos acompanha a vida toda, isso, para os vocacionados a ela. O amor aos estudos, à pesquisa, ao ensino e à aprendizagem é inerente à vocação do pedagogo, mas eu diria do professor educador.

Formar pessoas para o mundo, para que se expanda a partir delas outros horizontes, imprimir nas mentes a auto estima, o empoderamento a partir da Educação, está relacionado com a arte, a magia, o encantamento, e a possibilidade do Ser Mais, promovendo a conscientização, e, portanto, instrumentalizando o sujeito da sua própria historia com ferramentas necessárias à mudança de si e da sociedade. Relatar as memórias da educadora, pedagoga, cidadã é um caminho, apesar dos *descaminhos*, para uma reflexão sobre uma pedagogia para a Vida.

## **REFERENCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica de liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

SAVIANI. Dermeval. **Escola e democracia**. 31 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

VIEIRA, C. E. Memorial acadêmico para Professor Titular. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 291-312, jan./mar. 2017.